
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A LÓGICA DO DINHEIRO E A CIDADE MODERNA EM OS RATOS

Márcia Helena Saldanha Barbosa (UPF)
e Mauro Gaglietti (IMED/URI)*

RESUMO: Examina-se o romance *Os ratos*, de Dyonélio Machado, tendo em vista a crítica da modernidade empreendida por Georg Simmel, no contexto de uma economia monetária desenvolvida, socializante e agregadora das ações cotidianas. Do mesmo modo que a cidade é o centro da circulação do dinheiro, ela é lugar propício para a atitude *blasé*, a indiferença diante de tudo e todos, que resulta em uma desvalorização de tudo e todos, e, por fim, no sentimento de depreciação da própria individualidade. Assim, viver na cidade grande supõe a adoção de estratégias de sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVES: ficção de Dyonélio Machado; atitude *blasé*; cidade moderna.

A relação que se estabelece entre a subjetividade dos habitantes da cidade moderna e o ambiente externo é representada no romance *Os ratos* (1935), de autoria de Dyonélio Machado (1895-1985). A representação ficcional dessa relação na obra do escritor remete à forma como a cidade é concebida por Georg Simmel (1858-1918). Segundo Simmel (1979: 11-25), a cidade é o lugar em que o sujeito se vê defronte a uma variedade incomensurável e fugaz de imagens, que se apresentam, ininterruptamente, à sua consciência, interferindo no funcionamento desta.

Ao desenvolver a idéia de estilo de vida moderno, Simmel aponta para a metrópole como o lugar histórico desse processo. O maior problema da “vida moderna”, de acordo com Simmel, está no conflito que se verifica entre a cultura em sua dimensão interior e em sua dimensão exterior ao indivíduo. Trata-se de uma configuração histórica do processo civilizatório, de diferenciação social, de identificação do eu. O que, para o “homem primitivo”, foi a “luta com a natureza” visando à autoconservação, para o homem moderno, como assinala Woodward (1904: 433-458), é a tensão entre o individual e o supra-individual. Desse modo, como destaca Simmel (2006: 12-19), o fundamento psicológico a partir do qual emergem as individualidades típicas da cidade grande pode ser caracterizado pela intensificação da vida nervosa, que resulta da

* marciabarbosa@via-rs.net e maurogaglietti@via-rs.net

mudança rápida e ininterrupta de impressões internas e externas. Além disso, conforme Simmel, mais do que qualquer outro critério, o que define a metrópole é a relação que os indivíduos estabelecem com o dinheiro e todos os seus significados.

O habitante da cidade grande aprende a reagir não com o sentimento, mas com o entendimento. Em outras palavras, o racionalismo possui na metrópole o seu lugar específico, próprio e adequado, lugar esse onde a intensidade e a velocidade das imagens e dos impulsos são tão grandes que, sem um mecanismo de defesa, o indivíduo está ameaçado de se desintegrar. Nesses termos, a objetividade que o entendimento propicia, no tratamento das coisas e dos seres humanos, é *adequada* a um mundo no qual prevalece a lógica do dinheiro. E essa objetividade peculiar ao entendimento e à lógica do dinheiro deixa as qualidades individuais de lado, submersas na indiferença; contrapõe-se à subjetividade e aos sentimentos que constituem a diferença e a individualidade.

Na metrópole, tudo é feito por desconhecidos e para desconhecidos. Assim, a objetividade das transações torna-se muito mais fácil, sem as interferências que as relações pessoais, baseadas no ânimo e nos sentimentos, trazem consigo. Simmel percebe, na cidade grande, uma interação tão perfeita entre o dinheiro e o entendimento que ninguém saberia dizer se a constituição intelectualista e anímica impeliu inicialmente à economia monetária, ou se esta foi o fator determinante para o surgimento daquela. Desse modo, o estilo de vida da metrópole propicia e promove a impessoalidade; oportuniza o aparecimento de mecanismos de individualização, fazendo justiça ao duplo papel do dinheiro e à ambigüidade que caracteriza a modernidade.

O dinheiro, então, cria condições para a vida na cidade grande, e não apenas condições objetivas, mas também condições subjetivas, como o distanciamento psicológico e funcional. Em contrapartida, a vida da metrópole cria um estado propício para a vida do dinheiro, o qual possui uma força centrípeta capaz de atrair, tal como um ímã, tudo e todos ao seu redor. Assim, a cidade grande, como ponto de concentração do dinheiro, é também o ponto de maior incremento da divisão do trabalho, da especialização, da criação de novas necessidades e refinamentos, da luta dos indivíduos entre si, pela sobrevivência.

Relacionada a essa sensibilidade do habitante da metrópole está um elemento que Simmel julga especialmente característico do homem moderno: a atitude *blasé*. A quantidade de estímulos com que o indivíduo se vê defrontado, ao viver na cidade, exige-lhe tanto que ele perde a capacidade de responder adequadamente a eles. A indiferença do ser humano a tais estímulos torna-se, então, análoga àquela que o dinheiro promove nas relações interpessoais por ele mediadas. A fim de explicar essa indiferença, Simmel faz uso das categorias “proximidade” e “distância”. A proximidade corporal e a distância espiritual são os fatores que explicam a sensação única de sentir-se solitário em meio a uma infinidade de pessoas. Nesse sentido, o moderno é ambíguo, e a cidade grande é o local privilegiado dessa ambigüidade, pois a metrópole, assim como o dinheiro, não conhece fronteiras. É exatamente isso que faz o seu habitante romper as fronteiras entre interioridade e exterioridade; em outras palavras, é assim que se constrói a própria idéia de liberdade individual.

A relação, identificada por Simmel, entre a metrópole e o espírito de seus habitantes, enseja uma reflexão acerca de *Os ratos*, romance de autoria de Dyonélio Machado, editado em 1935, que se inspirou em uma cidade com pouco mais de duzentos mil habitantes, à época de publicação da obra. O artista plástico Iberê Camargo (1998: 172-173) lembra como essa cidade era provinciana e conservadora, do ponto de vista dos ideais estéticos modernos. Esses aspectos, no entanto, não impediram que Dyonélio Machado, como destaca Arrigucci (2004: 119-207), chegasse a uma forma despojada e inovadora do romance urbano no Brasil, em parte pelo modo como tratou o seu personagem, Naziazeno Barbosa, e a cidade em *Os ratos*, obra cujo cenário representa o espaço urbano real da Porto Alegre da década de 1930.

Nesse romance, Naziazeno, o protagonista, precisa de cinqüenta e três mil-réis para pagar a dívida que contraíra com o leiteiro e, por isso, sai pela cidade na tentativa de obter a referida quantia. Como numa partida, em que se acompanham todos os lances de um jogador, a narração segue, ao longo de 24 horas, as andanças desse pequeno funcionário público, movido por uma das mais básicas necessidades – a garantia de alimento para si e para sua família. O retorno à casa, com alguns cobres, já durante a noite, o pagamento da dívida pelo personagem e a entrega do produto por parte do leiteiro, na madrugada, encerram o círculo de uma narrativa cujo centro é um comportamento neurótico, e que está marcada pela busca obsessiva do dinheiro. Sobre a cidade de *Os ratos*, é oportuno mencionar que, em nenhum momento, o narrador afirma tratar-se de Porto Alegre, embora, no decorrer da narrativa, surjam várias pistas de que foi nela que o autor se inspirou. Essa omissão, aliada ao enredo, é um dos elementos que conferem à novela um caráter universal, pois um pequeno funcionário público que persegue, obsessivamente, a quantia de que necessita poderia ser encontrado em qualquer cidade moderna em que o valor do dinheiro ultrapassa sua função primitiva, a de facilitar as trocas de mercadorias e serviços.

Destaca-se, ainda, que o romance representa a situação acima mencionada, focalizando as relações que se estabelecem entre a interioridade de Naziazeno e o mundo exterior. Desde as primeiras cenas, nota-se que a história se subjetiviza, na medida em que é contada em terceira pessoa, porém, segundo a perspectiva do protagonista, efeito que o autor obtém recorrendo ao discurso indireto livre. Esse procedimento adotado no relato molda o mundo conforme o prisma de quem o vê. A atitude do protagonista, em determinados momentos, beira à agressividade, pois, vítima da impotência, ele desiste do essencial, para reduzir, provisoriamente, sua penúria. Entretanto, sempre revela o movimento de sua vontade: ora assume em si a realidade circundante, subjetivizando-a, ora se projeta sobre ela, auto-sugestionando-se nos círculos concêntricos de uma mesma idéia fixa. O fundamental sempre está dado no seu confronto direto com o real (Arrigucci 2004: 199-207). O leitor acompanha a caminhada de Naziazeno por intermédio do olhar do próprio personagem, e a cidade pela qual ele transita se mostra deformada por sua visão subjetiva: imagens alucinatórias ou delirantes correspondem às tensões que o protagonista experimenta em seu íntimo, e que se desenham como figuras refletidas num espelho anamórfico.

O fato de o romance estar centrado na ação de uma única personagem que se desloca pela cidade, ao longo do dia, faz que esta se torne muito presente para a consciência do leitor. O caráter que a cidade adquire, sua aparência de corpo vivo, decorre, em grande medida, de uma peculiaridade da narrativa: as ações têm lugar, em sua maioria, no espaço público. Naziazeno, na verdade, é um pobre homem, não completamente radicado no espaço urbano, pois sente a nostalgia da vida do campo, que ele imagina – e/ou lembra – idílica e farta. A todo momento, o personagem deixa rastros desse sonho que o acompanha, enquanto erra, solitário, no labirinto das ruas, em busca da pequena quantia, que lhe parece, cada vez mais, impossível de ser obtida, à proporção que o tempo se esvai e esgotam-se os pequenos expedientes de que lança mão.

Assim, pode-se afirmar que uma das bases da estrutura da novela é a relação homem/espaço (Albé 1983: 21), em que o primeiro termo é representado, principalmente, pelo personagem Naziazeno e o segundo, pela cidade. Porto Alegre serviu de inspiração ao autor num período em que o poder público e os segmentos privados dedicaram-se, com entusiasmo, a torná-la uma capital moderna, com capacidade para acompanhar os novos tempos de industrialização e progresso. De acordo com Pesavento (2002: 277), já em 1910 havia a intenção de promover mudanças no traçado urbano, com o objetivo de alçar Porto Alegre a um patamar de modernidade, o que se deu pela destruição dos marcos da cidade colonial, a começar pela expulsão dos cortiços do centro, uma vez que representavam pobreza, sujeira e promiscuidade, em suma, um indício de atraso.

Naquele mesmo ano, ocorreu uma primeira tentativa de transformação modernizadora, na administração do intendente José Montauray (1897-1924), com a contratação de João Moreira Maciel, engenheiro com larga experiência que foi incumbido de idealizar um projeto de melhoramentos para a capital. Esse plano, todavia, acabou não se concretizando imediatamente, em virtude da carência de recursos públicos. Foi a partir de 1920 - especialmente nas administrações dos intendentes municipais Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1934) - que o projeto anterior começou a se materializar. Ocorreu, então, um grande investimento público no embelezamento das áreas centrais e, ao mesmo tempo, na valorização dessas regiões, destinadas que eram ao segmento de maior poder aquisitivo. A burguesia comercial e industrial residente na região já estava bastante fortalecida naquele momento, influenciando na política e recebendo, com satisfação, as decisões administrativas que iam ao encontro de suas aspirações culturais de progresso e modernização.

Porto Alegre, em 1934, apresentava-se como uma metrópole regional com significativa importância econômica e uma vida urbana plenamente instalada, apesar de, no Brasil, haver-se desenvolvido um capitalismo tardio. Concretamente, essa era a época dos bondes, dos prédios que se tornavam cada vez mais altos, das avenidas largas, das vitrinas atraentes, dos automóveis e dos cafés, onde se discutiam política e amenidades. No entanto, para além das mudanças realizadas no aspecto material da cidade e em sua economia, havia uma nova cultura desenvolvendo-se, cultura essa que transformava o comportamento e as aspirações dos indivíduos que aí residiam.

Conforme Pesavento, “cabe referir que o embelezamento da capital, tal como era apresentado, ultrapassava [...] o foco da estética e imbricava-se com princípios morais e higiênicos, além de atingir o cerne da questão social” (2002: 275). Também é importante ressaltar que a construção da modernidade urbana por parte da elite política e econômica constituía-se num desafio, pois era muito forte ainda o apelo da vida rural e da tradição na identidade cultural sul-rio-grandense.

Do mesmo modo, na cidade de *Os ratos*, os sinais de transformação modernizadora convivem com alguns aspectos tradicionais, que ainda persistem. Na cidade ficcional, Naziazeno parece estar perdido em meio a um labirinto, sem conseguir encontrar um ponto de apoio, uma referência identitária; sente-se incapaz de acompanhar a nova realidade que se impõe. A cidade o deixa aturdido, às vezes dando-lhe forças - “Sente-se outro, tem coragem, quer lutar” (Machado 1973: 15) -; em outras subjugando-o: “Um gelo toma todo o seu corpo. Gelo que é tristeza e desânimo. Voltam-lhe as cenas da manhã, o arrabalde, a casa, a mulher. Tem medo de desfalecer nos seus propósitos. Acha-se sozinho. Aquela multidão que entra e sai pela enorme porta do café lhe é mais do que desconhecida: parece-lhe inimiga” (Machado 1973: 17).

Porto Alegre, em pleno processo de expansão capitalista, atua, sob muitos aspectos, como antagonista diante das expectativas e das necessidades do pequeno funcionário. Assim, elevada ao nível de um personagem, é natural que a cidade se apresente ao leitor de maneira bastante intensa.

Mas por que o espaço urbano perturba Naziazeno? Pode-se buscar a resposta para essa indagação na abordagem de Simmel sobre a cidade. No entendimento do sociólogo, a cidade é mais do que um espaço físico onde habitam muitas pessoas juntas; é o locus, por excelência, do consumo, das conseqüências da economia monetária, do aumento do nervosismo e da tensão, do domínio do universo exterior sobre a interioridade, das aparências e da indiferença. Aí, o dinheiro nivela a todos, do capitalista ao pequeno funcionário público, e deste ao malandro sem posição definida na sociedade, pois todos buscam-no obsessivamente. Essas nuances de modernidade urbana estão presentes na cidade pela qual transita Naziazeno, no cotidiano do personagem, em suas reações diante dos demais, no desejo que nutre de manter-se incógnito, situação bem ilustrada pela cena que ocorre num café, onde, o protagonista avista um conhecido, “o Carvalho... Mas desvia vivamente a cara, faz que não vê o Carvalho. E esse seu gesto lhe traz à lembrança um gesto semelhante, essa manhã, com o Fraga...” (Machado 1973: 27). O gesto de Naziazeno revela a sua vontade de esquivar-se daqueles que o espreitam, um desejo de anonimato, típico do ambiente urbano.

Na cidade, os indivíduos estabelecem uma distância ou uma proximidade planejadas, conforme exige a situação, lógica que produz uma postura de reserva em relação ao outro, uma ligeira aversão, estranheza e repulsão mútuas, sendo nesse lugar que se manifesta a atitude *blasé*. É exemplar, nesse sentido, o seguinte fragmento do romance em foco: “Agora Justo Soares não o cumprimenta mais: é que certas amizades se extinguem quando se extinguem os negócios que a originaram. E é razoável. Quantos ‘conhecidos’ seus nessas condições ele poderia rememorar!...” (Machado 1973: 38). A origem de relações como essa que Naziazeno mantinha com Justo Soares

reside no poder de sociabilidade do dinheiro, que aproxima, distancia, eleva ou rebaixa os indivíduos, os quais travam uma luta incessante com o intuito de adquiri-lo. Assim, a satisfação ou a frustração dependem de se ter, ou não, dinheiro, elemento que se constitui, ao mesmo tempo, num meio e num fim. No caso de Naziazeno, toda sua angústia provém da falta, da carência financeira, que o coloca obsessivo e tenso, fazendo-o guiar-se, exclusivamente, pela busca dos cinqüenta e três mil-réis que saldarão sua dívida mais urgente e virão a libertá-lo temporariamente. Em virtude do estado de tensão do protagonista, tudo ao seu redor vem lembrá-lo do problema que o atormenta; uma idéia leva a outra, que logo é associada ao dinheiro, convertendo-se até mesmo o sol em uma “moeda em brasa”.

Percebe-se que o sofrimento do protagonista não se deve apenas à dificuldade financeira que enfrenta, mas também a um descompasso entre as imposições do ambiente e os sentimentos que experimenta. Naziazeno não se sente capaz de administrar as peças da engrenagem a serem postas em funcionamento para atender a todas as exigências da vida urbana. Ele é um habitante da cidade, mas sonha com o campo e pertence à época do leiteiro, do padeiro, além de morar numa casa em que não há geladeira (é o gelo que garante a conservação da manteiga). Enquanto isso, seu chefe na repartição onde trabalha vive no tempo do *New York Bank* e discute questões sociais e políticas, tais como o comunismo e o integralismo. Em síntese, Naziazeno não é puramente metropolitano; é, sobretudo, um híbrido, pois ainda guarda resquícios da vida interiorana e tradicional. Ao defrontar-se com determinado problema, o protagonista sabe apenas recorrer a um expediente, “o recurso amigo e a solidariedade”, desconhecendo meios racionais que possam apresentar uma solução definitiva para a sua situação. Assim, encontra-se dividido entre dois tempos, o antigo e o novo, presididos por lógicas opostas.

Também é possível contrapor dois elementos que se constituem em marcas espaço-temporais e que se fazem presentes em diversas passagens do enredo, evidenciando as relações do protagonista com a cidade: os cafés e o bonde. O mundo dos cafés, regido por um código ético-comportamental eminentemente masculino, é um dos espaços preferenciais do homem urbano. Situado entre os diferentes locais de trabalho, o café é um lugar de repouso, de passagem rápida, de encontro, de fuga e de uma *mise-en-scène* complementar dos negócios e transações. Em seu interior, é possível colocar as idéias em ordem e tomar fôlego para prosseguir a jornada diária. No caso de Naziazeno, de modo particular, esse espaço adquire um significado especial. O ambiente do café, em determinados momentos, faz o protagonista sentir-se irmanado com os que ali estão, provocando nele uma ilusão de fraternidade, ou de pertencimento, capaz de amenizar a sua solidão e a sensação de inaptidão que experimenta diante das normas que regulam o universo urbano: “Naquele ambiente comercial e de bolsa do mercado, quantos lutadores como ele! Sente-se em companhia, membro lícito duma legião natural” (Machado 1973: 15).

O bonde, por sua vez, é o elemento que carrega, para o centro da cidade, os problemas que afligem o homem do subúrbio. No que se refere, especificamente, ao protagonista de *Os ratos*, pode-se afirmar que o bonde transporta não apenas o in-

divíduo que precisa deslocar-se até a repartição onde exerce o ofício de funcionário público, mas também o desassossego do trabalhador urbano, a sua incômoda situação de mau pagador, o seu desejo de não encontrar nenhum conhecido ao longo do trajeto: “O bonde leva uma ‘outra gente’. Não a que ele está acostumado a ver, às nove ou às dez horas, a ‘sua’ hora. - ‘Melhor, melhor’. Essa falta de ‘conhecidos’ apazigua-o” (Machado 1973: 7). Além disso, o bonde identifica-se a tal ponto com as condições precárias de vida da população pobre, com a impotência do habitante dos arrabaldes frente à lógica capitalista, que Naziazeno, uma vez afastado daquele ambiente, recupera o vigor: “Longe do bonde (que é um prolongamento do bairro e da casa) não tem mais a morrinha daquelas idéias...” (Machado 1973: 15)

O bonde se opõe, portanto, ao ambiente de integração que, em alguns momentos, é propiciado pelos cafés, corporificando o isolamento e o desânimo que caracterizam a existência dos moradores do arrabalde. Assim, a impaciência com que Naziazeno chuta a porta do bonde, no momento do desembarque, evidencia a necessidade que o personagem sente de livrar-se desse espaço que, na narrativa em questão, é muito mais do que um mero meio de locomoção das camadas que residem na periferia, ou do que um sinal do impulso desenvolvimentista da época representada. O bonde, no entanto, continua sendo o companheiro de infortúnio do protagonista, inclusive durante a noite de insônia que ele enfrenta, depois da longa jornada empreendida em busca de dinheiro:

O bonde está perto. O seu ruído domina o ruído do vento. [...] O barulho torna-se claro, francamente sonoro, metálico. Sente-se bem o rodar das rodas sobre os trilhos. Naziazeno tem receio de que ele não pare... que ele siga indiferente... Mas não! O ruído está diminuindo... cessou de inopino, com uma espécie de baque. Um silêncio... Alguém desceu. De novo, de novo o barulho, que se abranda, se ausenta, se acaba. (Machado 1973: 129-130)

Por fim, no silêncio da madrugada, a imaginação do protagonista é que é atravessada pelo bonde, o qual surge, uma vez mais, como signo da solidão e do anonimato dos passageiros que transporta: “Naziazeno aguça o ouvido. Nada. Há em torno um silêncio, um silêncio noturno... - E ele sente uma solidão, quando pensa no passageiro desconhecido, anônimo que desceu do bonde, enfiou-se pela rua, travessa, desapareceu, sem nome, sem lugar conhecido...” (Machado 1973: 130).

A presença dos cafés e do bonde na obra em foco, aliada aos demais aspectos até aqui analisados, demonstra que Dyonélio Machado percebeu o momento de transição pelo qual a cidade passava, como reflexo da implantação e do desenvolvimento do capitalismo, que girava em torno da produção, do mercado, da geração de riquezas. Por outro lado, o escritor também captou as conseqüências negativas do referido sistema social para grande parte da população. Naziazeno faz parte da população pobre e sem esperanças. Ele, assim como os demais habitantes da periferia que conseguiram um emprego, trabalha sem perspectiva de ver melhorarem suas condições de vida, ou de ver-se introduzido no mundo do consumo; apenas sobrevive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÉ, Maria Helena. *Uma Leitura de Os ratos de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: PUCRS, 1983.

ARRIGUCCI, Davi. O cerco dos ratos [Posfácio]. Dyonélio Machado. *Os ratos*. São Paulo: Planeta, 2004. 199-207.

CAMARGO, Iberê. “Um esboço autobiográfico.” *Gaveta dos guardados*. São Paulo: Edusp, 1998.

MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. 4. ed. Porto Alegre: Bels, 1973.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SIMMEL, Georg. A metrópole a vida mental. Otávio Gilberto Velho, org. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 11-25.

_____. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WOODWARD, Howard. “The first german municipal expositions (Dresden, 1903).” *The American Journal of Sociology* (Chicago) IX (1904): 433-58, 612-30, 812-31.

THE LOGIC OF MONEY AND THE MODERN CITIES

ABSTRACT: The novel *Os ratos*, by Dyonélio Machado, is analyzed according to Georg Simmel’s criticism of modern culture, in the context of a developed socialized monetary economy, as a gathering of daily actions. As much as cities are the monetary circulating center, they are also the proper scenario for a *blasé* attitude, the indifference towards everything and everyone, which causes the devaluation of everything and everyone, and at the end causes the depreciation of one’s own individuality. Therefore, living in the big cities implies in using surviving strategies.

KEYWORDS: Dyonélio Machado fiction work; *blasé* attitude; modern cities.